

O uso de ácido cítrico ajuda a manter o pH da calda num nível adequado para obter efeito bactericida

PEDILÚVIO

com acidez incorreta
compromete os benefícios

A sujeira que fica com o passar dos lotes altera o pH da calda que favorece bactérias e reduz a ação do antisséptico. O uso de ácido cítrico corrige o pH ao nível desejado

Luiz H. Pitombo

A questão da saúde dos cascos em uma propriedade envolve um conjunto de fatores como cuidados com as instalações, pisos, higiene e conforto animal, ou seja, a própria boa sanidade das vacas como um todo.

Mas quando o rebanho apresenta doenças de origem infecciosa nos cascos, como a dermatite interdigital, é hora de verificar o ambiente e passar a adotar o pedilúvio de forma preventiva. Com a introdução do sistema de compost barn no Brasil, este tipo de problema passou a ser mais frequente, pois as vacas ficam com as patas mais sujas em local confinado.

“Estava encontrando fazendas com dificuldades aqui no Brasil, quando em visita a propriedades leiteiras da Califórnia, nos Estados Unidos, vi animais com cascos bem saudáveis

em condições similares às nossas”, conta o médico veterinário Robson José de Souza Machado, consultor especializado no atendimento a sistemas de produção de leite nas áreas de saúde, reprodução, nutrição e gestão, atuando na região do Alto Paranaíba-MG.

Ele explica que passou a verificar todo o manejo que envolvia os animais e que favoreciam a boa condição dos cascos, como pisos não abrasivos, boas camas para as vacas se deitarem, ausência de estresse térmico, higiene, bom casqueamento e pedilúvio. Mas um fato lhe chamou a atenção neste último aspecto naquela viagem que realizou em 2012 e que até então desconhecia. Era realizado o monitoramento da acidez da calda de sulfato de cobre para a manutenção de seu pH abaixo de 4 ou no máximo até um pH 4,5, o que era corrigido através de adição de ácido cítrico.

Machado passou a estudar o assunto, leu pesquisas e encontrou fundamento, passando

ARQUIVO ROBSON MACHADO



“É recomendável adicionar o ácido cítrico após a passagem de um lote de 100 animais na calda”

Robson Machado

ARGO, PIENO TEODORO



Lama é condição de alto risco para provocar doenças infecciosas no casco dos animais



É preciso monitoramento para manter a calda em condições que preservem seu poder de desinfecção

a difundir seu uso entre as fazendas a que atende, conseguindo bons resultados. “Existem empresas que já comercializam seus produtos com a adição de ácidos orgânicos, que desempenham o mesmo papel que o ácido cítrico”, diz.

Ele explica que o acúmulo de sujeira na calda, como esterco e lama, eleva o seu pH,

favorecendo a multiplicação de bactérias e reduzindo o poder de ação do próprio sulfato de cobre. Assim, na verdade somente os primeiros animais é que se beneficiavam do pedilúvio.

Nas propriedades que adotam o sistema compost barn em que o médico veterinário presta consultoria são adotados pedilúvios com as dimensões de 3,40 m de comprimento por 0,60 m de largura e por 0,25 m de altura, com a calda formando uma lâmina com 7 cm de profundidade. A solução com 140 litros é preparada na concentração de 5% de sulfato de cobre, e a cada lote de 100 vacas são adicionados 100 g de ácido cítrico.

Machado explica que existem produtores que optam por colocar de antemão a quantidade total do produto que estimam ser necessária, prática da qual discorda. Isso porque diz que a solução ficará com um pH tão baixo que poderá prejudicar os cascos dos animais provocando irritações, preferindo a sua adição paulatina.

A rotina a ser adotada e detalhes do procedimento, segundo o médico veterinário orienta, devem ser estabelecidos com o técnico que assessoria a propriedade, avaliando qual a situação do rebanho, o grau de sujeira dos cascos e o pH da água local. Em fazendas onde os animais passavam pelo pedilúvio cinco vezes por semana, conta que com a melhora dos resultados estão reduzindo para três passagens por semana.



Novas embalagens
Silagem de milho 420kg
Azevém 350kg

Leffers AGROPECUÁRIA

Leffers AGROPECUÁRIA
NOVIDADE
Leffers

Leffers Azevém
Milho 30kg

Leffers Azevém
Milho 40kg

Leffers Milho
Milho 40kg

42. 3234-1254 / 9 9927-3344
agrop.leffers@uol.com.br - atendimento@leffers.com.br
Chácara Regina - Colônia Castrolanda - 84.165-970 - Castro/PR

[/agropecuaria.leffers](https://www.facebook.com/agropecuaria.leffers)
www.leffers.com.br



ARQ. PIERO TEODORO

Dermatite interdigital nos cascos causa grandes transtornos aos animais e compromete a produção

PROBLEMA RESOLVIDO

Antes, quando ficavam nos piquetes, a preocupação com os cascos dos animais na Fazenda Sossego estava relacionada às injúrias provocadas por objetos pontiagudos ou cascalho.

Situada em Coromandel-MG, há cinco anos mudou seu sistema de produção para o compost barn, que exigiu boa dose de ajustes até o acerto, sendo uma dessas questões as dermatites infecciosas contagiosas, que passaram a ser o principal desafio a ser enfrentado em relação aos cascos. Hoje, o problema está solucionado depois de algumas medidas, como a adição do ácido cítrico à calda de sulfato de cobre.

Com 152 vacas em lactação, média de 29 litros/dia, a propriedade passou a incorporar a medição do pH da calda há cerca de um ano e meio. Como os resultados já são conhecidos, se estabeleceu a rotina de sempre adicionar o ácido cítrico após a passagem de todos os animais em lactação. A calda é preparada e utilizada por dois dias seguidos; no primeiro, ainda com boa eficiência, é mantida pura, recebendo no segundo dia a adição de 150 g do produto para reduzir seu pH. Os animais em produção passam todos os dias pelo pedilúvio, menos aos domingos.

“Poderíamos ter reduzido o número de passadas, pois estamos praticamente sem problema e já fomos orientados para isso, mas temos receio de o problema voltar, mas precisamos diminuir”, reconhece o gerente da propriedade, Christian Henrique Tinoco, que cursa faculdade de medicina veterinária.

Ele aprovou o uso do ácido cítrico pelo fato de manter a efetividade do sulfato de cobre, e o adota também na calda utilizada no pedilúvio em que o gado solteiro passa duas vezes por semana. A instalação que utiliza é a mesma que a das vacas em lactação.

Para melhorar a limpeza dos cascos, adotaram um tipo de lava-pés, que foi inspirado no que o médico veterinário Robson Machado, que presta consultoria, viu nos Estados Unidos. Antes da sala de espera existem duas caixas de concreto por onde andam os animais: a primeira, com inclinação de 2%, tem no seu fundo uma camada de areia e por cima uma lâmina de água corrente, que carrega toda a sujeira que a areia também ajuda a retirar. Logo na sequência existe outra caixa somente com água para enxaguar. Após isso, as vacas vão para a sala de espera, são ordenhadas, e na saída é que passam no pedilúvio, com os pés já secos.

O ácido cítrico que tem utilizado é aquele em pó, dirigido à indústria alimentícia, que se utiliza em doces e outros alimentos. O produto é encontrado em lojas especializadas ou mesmo em supermercados, na faixa de R\$ 12,00/R\$ 14,00 por kg. “Aqui em Coromandel as lojas de produtos agropecuários já estão oferecendo o produto aos pecuaristas em suas prateleiras”, conta.

Como recomendações gerais, diz que na época das chuvas, ou quando se formam muita lama e esterco que irá se acumular nas patas dos animais, não se deve utilizar o lava-pés que antecede a curta distância do pedilúvio, pois há o risco de a calda se diluir no contato

com a pele e não ter efeito. Ele diz que existem outras estratégias, “mas o que se precisa mesmo é sanar o problema no ambiente que o causa”.

Dependendo de avaliação técnica e econômica, comenta que o pedilúvio pode ser, ou não, utilizado para qualquer categoria animal. Mas diz que especial atenção merecem as vacas no período de transição (secas, pré e pós-parto) e em lactação.

Para sistemas a pasto ou semiconfinados, Robson Machado assinala que os cuidados são os mesmos e que sua adoção também demanda avaliação do grau de incidência das doenças infecciosas do casco no rebanho para se começar a pensar no pedilúvio. **BB**